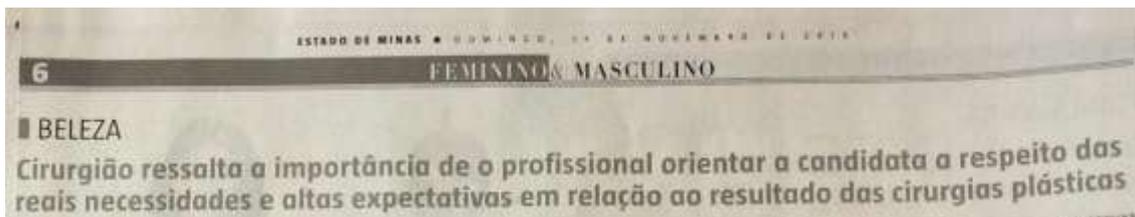


Veículo: Jornal Estado de Minas
Colunas/Editoria: Feminino & Masculino

Data: 01/11/2015
Pag(s): 6



PARCERIA MÉDICO E PACIENTE

IZABELLA FIGUEIREDO

Atire o primeiro bisturi quem nunca pensou em corrigir alguma parte do corpo da qual não gosta. Seja por questões funcionais ou puramente estéticas, brasileiros têm cada vez mais recorrido à cirurgia plástica como opção para modificar o corpo. Levantamento feito pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), com base em dados coletados em 2014, mostrou que o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de cirurgias plásticas de cabeça e face, corpo e extremidades. No topo do ranking estão procedimentos como a lipospiração (aspiração de gordura por meio de cânulas), abdominoplastia (remoção de excesso de pele, gordura e tonificação do abdômen) e rinoplastia (correção estética do nariz).

Para se ter uma ideia, entre 2009 e 2014, o número de cirurgias plásticas no Brasil cresceu 120%, aumento que o cirurgião

plástico e titular da Comissão Científica do Capítulo de Procedimentos Estéticos Minimamente Invasivos, Eduardo Sucupira atribui a um conjunto de fatores que inclui maiores oportunidades de operar e maior exibição da imagem em redes sociais.

"O brasileiro sempre frequentou praias, clubes e gostou de expor o corpo. Isso faz parte da nossa forma de viver, da nossa cultura. Com a popularização das redes sociais, veio o acesso à informação, ao compartilhamento de fotos e exposição excessiva da figura, daí a vontade das pessoas

em recorrer a cirurgia plástica para se mostrarem cada vez mais belas", explica. O profissional também não se surpreende que o Brasil tenha superado os EUA em número de cirurgias plásticas, já que a oferta de profissionais é grande e contamos com a chancela de Ivo Pitanguy para inspirar novos cirurgiões. "Professor Pitanguy plantou uma semente lá atrás e fez com que o Brasil formasse cada vez mais profissionais. Hoje, a cirurgia plástica não é um privilégio somente das classes mais altas", contou.

“
Chego a dispensar pacientes que
chegam até mim querendo
resultados inatingíveis”, confessa.

■ Eduardo Sucupira, cirurgião plástico



“Quase que uma orientação psiquiátrica”

Em seu consultório, na Barra da Tijuca, Sucupira recebe diariamente pessoas que estão insatisfeitas com a própria aparência e desejam “adquirir” um rosto mais harmônico e jovial. Para auxiliar seu trabalho, chegou a desenvolver uma tática que indica por meio de operações matemáticas as proporções ideais do rosto e aponta qual processo cirúrgico é indicado para cada tipo de rosto. “A ideia é alcançar resultados sofisticados e naturais”, conta o profissional, que vem a Belo Horizonte para o 52º Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica, a ser realizado em 11 deste mês, especialmente para contar mais do seu método para outros cirurgiões.

Apesar do minucioso estudo e combinação de técnicas e procedimentos, Sucupira ressalta a responsabilidade do profissional em orientar o paciente desde a sua primeira visita ao consultório. Para ele, cabe ao médico avaliar junto ao paciente a necessidade real do procedimento cirúrgico, já que 100% das cirurgias plásticas têm algum fundamento emocional e visam a recuperação ou aumento da autoestima do paciente. “Chego a dispensar pacientes que chegam até a mim querendo resultados inatingíveis”, confessa. “A queixa do paciente deve ser avaliada e o médico deve saber

a motivação emocional que o leva a querer operar, é quase uma orientação psiquiátrica. Considero um dever ético do profissional avaliar se a pessoa está equilibrada emocionalmente, e entender claramente quais são as expectativas e explicar se elas serão ou não atendidas”, esclarece.

Para os que pensam em uma prótese mamária, rinoplastia ou outro tipo de intervenção do gênero, Sucupira diz que a plástica não deve ser a primeira opção, mas pode sim ser considerada. “Costumo dizer que só faço no paciente o que faria em mim mesmo”, conta. Ele atenta que a intervenção plástica altera a psiquê de um paciente e pondera que a pessoa só deve se submeter a um procedimento cirúrgico se for para agradar a si mesma. “Uma vez, uma senhora queria se sujeitar a uma plástica somente para agradar ao marido, sendo que a parte do corpo em questão não a incomodava. Convenci-a elegantemente de que aquilo era um absurdo.”

Sucupira reforça que qualquer cirurgia deve ser tratada com muito pé no chão e aconselha qualquer candidato ao bisturi a considerar sempre a máxima antes de operar: “Nós humanos nunca atingiremos a perfeição”.